

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORGÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II

Desterro - Domingo 25 de Janeiro de 1880

N. 55

O ARTISTA

Desterro, 25 de Janeiro de 1880.

**Liberdade, egualdade
e fraternidade,**

CAPITULO I

Definição da liberdade. Divisão da mesma

Em tudo deve haver um ponto de partida: procuremos, tambem, o nosso.

Antes de definirmos a liberdade, meditemos um pouco na essencia humana: aqui acharemos o nosso ponto de partida.

O que é o homem? Um ente finito, limitado, problematico e condicional.

Ora, tal é a causa, tal é o effeito: sendo o homem limitado e condicional, todos os seus actos são, tambem, limitados e condicionaes.

Assim, a estenção dos conhecimentos está na razão directa da intensidade do pensamento.

Os conhecimentos de Deos não têm limites, porque o pensamento de Deos é infinito; os conhecimentos humanos são limitados, porque o pensamento do homem é limitado.

Deos pôde, pensa e quer absolutamente, porque é infinito e necessario; o homem pôde, pensa e quer dentro de certos

limites e relativamente, porque é contingente e condicional.

D'aqui se infere que a liberdade em Deos é absoluta, no homem relativa, assim como tudo é relativo no espaço e no tempo, como já o temos dito por vezes.

Vejamos, agora, o que é a liberdade em si.

Diz Tiberghien que a liberdade é a forma reflectida da vontade.

Segundo opina Donoso Cortez, a liberdade não é mais do que a união do entendimento com a vontade.

Affirmar-se de um individuo que tem entendimento e vontade e de outro que é livre, diz elle, é affirmar-se de ambos uma e a mesma cousa.

Segundo outros philosophos, é o poder de realizar a propria essencia.

Estão todos de accordo, pois não ha vontade sem pensamento, nem ha espontaneidade sem vontade.

Demais, quando dizemos—a forma reflectida da vontade—já nos referimos á união da vontade com a reflexão, que é o pensamento mesmo.

Não podemos acompanhar aos que definem liberdade como faculdade de praticar o bem e o mal, ou de escolher entre o bem e o mal.

Não; a escolha entre o bem e o mal como bem diz Tiberghien, é impossivel.

Não ha homem que faça o mal pelo mal: quando o homem pratica o mal pensa praticar o bem.

Eis porque pedimos instrução para o

povo; pois é preciso conhecer o mal para evital-o.

Note-se que ha mal puro e mal mixto. (Vide Tiberghien)

Escolher é comparar e preferir o melhor: assim quando se diz que o homem escolhe entre o bem e o mal, deve-se entender o mal mixto, isto é, o mal misturado com o bem.

Si o homem prefere o mal é porque lhe parece que o mal (o mal mixto) é melhor do que o bem puro.

O mal puro é nada: escolher entre o ser e o nada é impossivel.

Ora, a liberdade, como já o vimos, está na faculdade de realizar a propria essencia.

E o que é poder realizar a propria essencia? E' poder harmonisar as faculdades do espirito e este com o corpo.

O ideal humano, diz Tiberghien, é a realisação da propria essencia: logo o progresso resulta da liberdade e sem liberdade é impossivel desenvolvimento algum, como bem o diz P. Moniz.

Deos é absolutamente livre, porque realiza a sua essencia absolutamente; o homem é relativamente livre, porque realisa a sua essencia dentro de certas condições; o creador é perfeito; o homem perfectivel.

D'onde se colhe que o progresso é natural do homem, e não pôde ser uma realidade sem a acção da liberdade.

E', pois, capaz de progredir sómente o ser finito que pensa e quer: assim, a materia não progride por que não pôde pensar nem querer.

FOLHETIM 7

EDMUNDO O BANDIDO

POR

JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA

VI

—D'essa maneira vamos mal.

—Este Guilherme é muito tenaz, interveiu Edmundo; não pensa no que diz. Então havemos de andar com os olhos tapados, para cahirmos nas mãos da justiça?

—Deus nos livre e guarde! Mas é que vejo os camaradas um pouco desanimados.

—Enganas-te; e para prova, logo verás o seu valor.

—Permitta Deus que assim seja. Quanto a mim, não ha que receiar, porque sempre soube portar-me com animo n'essas occasiões; e além de quê, si apparecer algum policiaal, é commigo com quem se ha de haver.

—Bravo! exclamou o auditorio.

—Está bom, disse o chefe. Vou dar uma ordem. Ouçam.

Um silencio profundo seguio-se ás palavras de Edmundo, que proseguiu:

—A's oito horas da noite, devem estar reunidos no Bosque Sombrio, para de lá partirmos em direcção á casa. Podem sahir; mas não junctos, para não attrahir a attenção dos abelhudos.

Dada esta ordem, os bandidos foram pouco a pouco sahindo, até ficar a casa deserta.

O nome de *Bosque Sombrio* foi dado a uma intrincada floresta que ficava na fralda de uma montanha, ao norte da aldeia, em attenção ao seu ambiente sempre escuro.

A casa de negocio para onde os bandidos dirigiam as suas baterias ficava proxima d'esse sitio; e foi esse o motivo porque Edmundo escolheu esse logar para o *rendez-vous* d'aquella noite.

Como é costume nas aldeias, apenas anoitece, os seus habitantes recolhiam-se á suas casas, ficando as ruas quasi desertas. Pouco a pouco se vão fechando as tavernas, até que tudo fica n'um socego profundo.

Ora, os nossos heróes estavam em plena liberdade, que era o que mais anhelavam.



A materia, diz P. Moniz, é a affirmação meramente objectiva: isto é, não se pôde affirmar a si mesma.

A verdadeira definição, pois, da liberdade humana é o poder de realizar a propria essencia, o poder que tem o homem de progredir.

A liberdade é para a faculdade, o que o progresso é para a actividade.

A faculdade, diz Tiberghien, é a actividade em potencia, e a actividade é a faculdade em acto; assim, a liberdade é o progresso em potencia, e o progresso a liberdade em acto.

D'onde se colhe que não ha progresso sem liberdade.

(Continua.)

LITTERATURA

NEDJEDLIS O MOURO

OU
UMA VICTIMA DA INQUISIÇÃO

POR
J. F. Paz

II

Os cavalleiros vinhão quiasi todos vestidos de azul e armados de lanças e espadas e nos elmos cada um trasia o distinctivo. Uns trsião uma rosa encarnada outros um escudo dourado, outros uma cruz e assim á proporção.

A's 5 horas estavam réunidos todos os cavalleiros e começaram os jogos.

O visconde influido e enthuziasmado quiz entrar na lucta e apesar dos jogos do fidalgo, mandar preparar o melhor cavallo que houvesse na estribaria de D. Rodrigo.

Hum criado lhe preparou um bello cavallo e o visconde depois de pedir licença ao fidalgo foi á casa, acompanhado por um pagem, escolher uma vestimenta com que podesse apparecer,

Minutos depois appareceu. Trasia calções de seda verde e um poletot de veludo encarnado. Seu rosto era coberto

por um viseira de folha e um lindo capacete, cujas plumas eram de pennas de pavão cobria-lhe a cabeça.

Uma espada dourada pendia d'um talabarte e na mão elle segurava uma lança prateada de, cuja haste cahia uma fita verde, distinctivo de sua familia.

Quando chegou no lugar onde estavam os jogadores, elle plantou sua lança e disse:

— Quem pretende a filha de D. Rodrigo Pereira chegue-se!

Um cavalleiro chegou-se a elle e disse:

— Senhor, nada pretendo da filha de D. Rodrigo; venho apenas experimentar vosso valor.

— Eia! Então vamos! respondeu o visconde.

Principiarão a manejar suas lanças.

O visconde era mui habil neste jogo, e por diversas vezes ferio o cavalleiro.

Este de sua parte vingava-se, porem, finalmente, foi vencido.

O povo soltou um viva, e a banda de musica tocou uma peça.

Depois desse cavalleiro vierão mais dous que tiverão a mesma sorte.

Finalmente, o visconde ia retirar-se porque ninguem mais queria bater-se com elle, quando de repente um cavalleiro vestido de preto entrou a toda a brida na arena e parando em frente do visconde grita:

— Viva Elvira Pereira, rainha das Andaluzas! Quem se julgar digno d'ella chegue-se!

O visconde tocou a lança nado cavalleiro e disse:

— Eu!

O cavalleiro não respondeu e começou a luctar.

Sua lança estava tão bemafiada que n'um primeiro golpe furou o capacete do visconde.

Este procurava ferir o seu aduersario, mas nunca poude.

Seu capacete ficou por diversas vezes furado e elle temia sua propria vida, que o cavalleiro poupava.

N'um dos manjeos o visconde levantou o braço e ia dar um golpe mortal no ca-

valheiro, quando este, por um ligeiro movimento, deu-lhe com a lança uma fortissima pancada no braço.

O visconde, atordoado pela dôr, deixa cahir a lança; e o cavalleiro, por uma destreza admiravel, apodera-se da espada do seu adversario, e corre apressadamente em busca do portão que conduzia á praia.

Na carreira entrega a espada a Elvira.

(Continua.)

COLLABORAÇÃO

Ao collaborador do Conservador

Poderíamos ter dado por finda a questão motivada por s. s. si um facto importantissimo não viesse provar uma das hypotheses que avançamos em um dos nossos artigos em resposta ao de s. s.

Quando dissémos que a indole do povo brasileiro era fogosa, não se tinham dado os factos que, ha dias, deu-se na capital do imperio; mas nós, que enxergamos tudo pelo prisma philosophico, já antevimos isso, devido ao estudo especial que temos feito sobre o caracter do povo do Brazil.

D'aqui conclue-se que a nossa hypothese foi verdadeira, e a de s. s. falsa.

Não queremos fazer alarme do nosso triumpho, pois não somos politicos. O nosso fim é pugnar pelo interesse publico, embora tenhamos de viver n'uma masmorra, como revolucionarios, segundo deu a entender s. s. no seu artigo.

Ao concluirmos este pequeno escripto, aconselhamos a s. s. que não mais metta-se em questões d'este quilate, porque nunca sahirá triumphante.

Dizer que a monarchia offerece mais vantagens que a republica é impossivel!

Sem liberdade não ha progresso.

Consummatum est.

Quando as densas sombras da noite desciam como um sudario sobre a superficie da terra, os bandidos começaram a reunir-se no bosque.

A's oito horas, toda a quadrilha ahi se achava.

Capitaneada pelo joven Edmundo, pôz-se em movimento para a misera casa, que ia soffrer um tam fatal revez.

A noite estava escura, mas brilhantes estrellas fulguravam na cupula cerulea do firmamento.

Um silencio magestoso, solemne e profundo dominava por toda parte.

O menor arruido sobresaltava os saltadores, que paravam para certificar-se si alguem os seguia.

Chegaram á casa.

A cubica e o receio brilhavam nos olhos d'aquelles homens tocados pela vara fatal da desgraça.

— Cautela! segredou Emundo aos bandidos agrupados em torno d'elle.

Dividi-os em duas turmas: uma devia penetrar no edificio; a outra sitial-o.

Feito isto, dirigiu-se, á frente de uma das turmas, para a porta principal da casa.

Experimentaram-na: estava hermeticamente fechada.

Então Edmundo, com uma força prodigiosa, que tinha orgulho em possuil-a, ergueu com ambas as mãos um pesado machado, que tinha levado comsigo, e desfechou um tremendo golpe na porta, que voou em estilhas.

Uma vozeria infernal soou no interior do edificio.

Entraram.

O primeiro cuidado dos bandidos foi procurarem as victimas.

Na occasião em que Edmundo percorria um escuro corredor, uma bala, seguida de uma denotação horri-el, arrebatou-lhe o chapéo.

O machado precipitou-se para o lugar

d'onde partira o tiro, e achou-se face a face com o dono do estabelecimento, que ainda conservava nas mãos tremulas a pistola descarrugada.

Com um movimento rapido, o punhal de Edmundo sahiu da bainha, e desceu sobre o peito do adversario.

Este quiz defender-se, mas já era tarde... a terrivel arma tinha-lhe trespassado o peito...

Soltou um gemido surdo, vacillou e cahiu.

Gritos de quem pedia socorro e vozes ameaçadoras echoaram n'esta occasião aos ouvidos do joven bandido: eram os saltadores que exigiam da familia do negociante a entrega do dinheiro.

— Perdao! balbuciava uma das filhas do negociante, de joelhos aos pés de um ladrão.

— Onde está o dinheiro? bradava este com voz de trovão.

— Meu pai nunca m'o disse...

[Chimica alimentar

DOS ALIMENTOS E SEU VALOR NUTRITIVO

Os alimentos têm um duplo fim: 1.º reparar as perdas incessantes da organização; a vida sendo constituída pelo movimento, este produz sempre uma certa perda, e nós não podemos deixar de obedecer a essa lei geral; 2.º queimar, como o carvão queima em uma machina, por isso que o carvão é a origem de todos os movimentos e de todas as forças.

Debaixo deste ponto de vista o organismo humano compara-se perfeitamente a uma machina à vapor.

Ora, a machina é constituída por um motor e uma caldeira, combustível e ar exterior.

Nossos órgãos representam o motor e a caldeira, e quando funcionão, simulão perfeitamente a machina à vapor em trabalho.

A caldeira dura longo tempo, mas gasta-se. Acontece o mesmo com o nosso organismo; elle gasta-se lentamente, e, assim como para aquella requer-se o machinista, para este reclama-se o medico ou o higienista.

A reparação na machina humana faz-se por meio de alimentos, cuja composição aproxima-se muito da clara do ovo, alimentos albuminosos, é evidente que sómente os alimentos dessa classe podem reparar as perdas da economia animal.

Nesta categoria achão-se a carne, o peixe, os ovos, o queijo, etc.

Tambem, como na machina, precisamos de combustível; onde o acharemos? Nos alimentos que contêm mais carbono, e ali se acham os oleos, a manteiga, a gordura, os feculentos, etc.

Falta, entretanto, além do combustível do motor e caldeira, a substancia comburente, e esta o ar atmosferico se encarrega de fornecer, ali temos o *oxygeno*, elemento essencial, e sem o qual não pôde haver combustão.

Pelo que acabamos de expender se reconhece qual o destino dos alimentos, uns devem reparar nossos órgãos, outros reanimar o calor que constitue a vida.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA EUROPEA

Pariz, 13 de Dezembro de 1879.

Do que fallar? Do attentado commetido pelos nihilistas nossos contra o Czar Alexandre durante a sua viagem a Moscova, e do modo providencial porque escapou à machina infernal, que devia fazer voar pelos ares o comboio de via ferrea em que se achava com a brilhante comitiva? Do segundo matrimonio do joven soberano da Hespanha que, por entre mil festejos, desposou-se com a archiduquesa Maria Christina da Austria, a 29 de Novembro passado? Da crise ministerial franceza, que foi annunciada com estrepido, e que gorou, tendo o gabinete, presidido pelo sr. Waddington,

na sessão de 4 do corrente, uma ordem do dia de confiança, votada por 221 deputados contra 97? Do reconhecimento da independencia da Roumania pela Italia, que acaba de mandar a Bukarest um ministro plenipotenciario? Da somptuosa e maravilhosa festa que a imprensa franceza deve dar, depois d'amanhã, a beneficio das victimas das ultimas inundações hespanholas?

Não; ha assumpto mais actual. E' a neve, a candida e horrida neve, que se pultou a França, já lá se vão cinco dias, no seu tumulo frio. Não ha penna, a não ser a de um Theophilo Gautier, que possa descrever semelhante espectáculo, ainda mais curioso para nós outros, filhos do sol do Equador.

Como todas as cousas da natureza, a neve tem dois lados diversos. Para os poetas, é thema de cantos e encantos. Para os pobres, é assumpto de medonho terror.

O poeta admira esses niveos frocos, mais leves que o fino algodão, a voltejarem e adjarem pelos ares, a amontoarem-se em lindas pyramides na calçada e na negra fachada das casas. Pouco e pouco formão um como tapete coberto de rendas. O sol que, de tempos em tempos, consegue filtrar atravez as nuvens opacas, lança n'essas camadas de prata os seus raios de ouro, e então é para vêr as cores roseas que assummem todas aquellas flores de neve. E, depois, a turba dos elegantes aproveita o ensejo para patinar. No bosque de Bolonha apparecem elles, damas e fidalgos, envoltos em capotes ou mantos de pelle de lontra, e, applicando chatins às botinas, principiando a resvalar no gelo duro, descrevendo espiraes phantasticas, e, quanto nas avenidas convizinhas, passão trenós de todos os feitios, puxado por negros cavallinhos arabes, cuja cauda comprida varre a candida alcatifa. Esses os gozos dos ricos.

Mas os pobres? Os operarios? E' impossivel irem trabalhar, porque faltão meios de commnicação. Os bonds tiverão que cessar as viagens. As gôndolas ou omnibus, embora puxados por 4 e 6 cavallo, andão a passo, e as mais das vezes não podem percorrer todo o trajecto. Aquelles que sahem a pé têm a sorte do gendarme da lenda franceza, que dava um passo para deante, e outro atraz, resvalando no sólo, que escorrega como um espelho cheio de sabão ou um mastro de cocanha. As fabricas estão quasi todas inactivas. Nas casas não ha agua, porque esta géla nos tubos de condução. O combustível custa tão caro que o pobre não o pôde comprar, e nos lares desolados de milhares de entes humanos—onde ha mulheres, onde ha crianças, onde ha anciãos—a miseria vai sentar-se, enquanto pelas portas e janellas disjunctas entra o vendaval, enquanto nas vidraças ouve-se o crepitar da neve ou da saraiva.

Não é, pois, para admirar se alguns philanthropos, que sabem a que ponto é fria e morosa a caridade official, assentará em soccorrer directamente os pobres.

A pedido da ex-rainha Izabel, o governo francez havia concedido uma loteria de dois milhões de francos para as victimas da inundação da provincia hes-

panhola de Murcia. Os organizadores da loteria pedirão hontem ao governo que elevasse a loteria concedida a 4 milhões de francos, obrigando-se elles a darem *imediatamente* aos pobres de Paris a somma de um milhão de francos (mas de 400 contos de réis), e um milhão aos pobres das provincias. Todos os jornaes, sem distincção de opiniões, advogão a causa d'esses intelligentes philanthropos, e não ha duvida que, amanhã mesmo, o conselho de ministros aceite tão generosa proposta.

ÀS PEDIDOS

Atenção

O professor Wencesláo Bueno de Gouvêa, competentemente habilitado pelo conselho director da instrução publica da corte, participa ao respeitavel publico d'esta capital que já fixou aqui a sua residencia na rua do Vigario n.º 11.

Propõe-se leccionar portuguez, latim-francez, philosophia, historia sagrada e doutrina christa, arithmetica elementar, já em sua residencia, já em casa do alumno, assim aos do sexo masculino como às pessoas do sexo feminino,

Como é justo que o respeitavel publico saiba qual o programma e quaes as bases do ensino que se propõe o referido professor, elle aqui os exporá em breves palavras.

Ensinar cada uma das materias supra, em horas convencionadas segundo a conveniencia do professor e do alumno, já individualmente, já em classe.

Convém notar que não accetta o professor supra para ensinar em classe mais de vinte meninos.

Cumpre, ainda, notar que a aula dos meninos não findará senão ao meio dia podendo ter principio ás 7 ou ás oito horas conforme à estação.

A disciplina será de accordo com os paes dos alumno, conforme às circumstancias de cada um.

Tambem haverá uma aula nocturna para os moços estudiosos que quizerem honrar ao professor supra.

Eis ahi o programma; agora vão as bases:—

Liberdade, egualdade e fraternidade; unidade, variedade e harmonia; synthese irreflectida, analyse e synthese reflectida; quanto ao ensino das crianças, pratica e mais pratica, methodo intuitivo; mais tarde a theoria; observancia dos principios hygienicos; qualidade, e não quantidade: o espirito humano não pôde abarcar tudo ao mesmo tempo; nada de exclusivismo; união é força; trabalho do mestre unido ao trabalho do discipulo; *paucum, se l bene paratum*; de vagar se vai ao longe.

×

Esperando o alludido professor que o respeitavel publico desterreense approvára as bases do seo programma, espera, tambem, alcançar d'elle a valiosa protecção

que elle sóe dispensar generosamente áquelles que confiam na sua hospitalidade.

O professor alludido não promette *mitagras*, mas dedicação e zelo.

Snr. Redactor do «Artista»

Ao ter o n. 14 da Gazeta de Joinville, deparei com um capacho J. S., esse corpo sem alma, esse espectro irracional, cujo esqueleto tomava a seu cargo, o que não lhe pertencia, obrigando-me assim, pelo artigo que publicou em defesa injusta aos canalhas de S. Francisco, querendo por esse modo obter por meio dessa adulação, algum lugarzinho, de que possa angariar um mediocre pão quotidiano, falta pela qual anda deportado, de seu infeliz berço. Eu lamento o seu estado e farei quanto poder, afim de arranjar-lhe um empregosinho, para o qual se acha perfeitamente habilitado, é de prosa...!

Esse 'sfola,... mette-se onde não é chamado!: sem duvida deseja que seu nome saia das trevas do esquecimento, para ser pronunciados por todos, com a repugnancia que causa, pela sua incapacidade, deformidade e nullidade, esse ente despresado até mesmo por estes a quem elle quer defender, esse mendigo que levava o tempo a vagar pelas ruas da cidade sem achar quem lhe desse uma esmola de sua graça, tendo sido pelos seus amigos, julgado incapaz do convite com sua familia de frequentar os recreios familiares (Bailes) tendo sido espoleta e manivellas dessas machinas corrompidas não se envergonha de sahr á imprensa, para defender a quem lhes cobre de infamia!. E' bem certo o proverbio, que, quem não tem vergonha, todo mundo é seu, seja feita sua vontade, cada qual para o que nasce!, infeliz parto!!.

Por esta vez centente-se o sr. *Quinca Servita*, com esta doze, e então mais tarde voltarei para photographar sua mascara com cores mais vivas e mais negras.

Freguezia da Gloria dô Sahy (S. Francisco), 11 de janeiro de 1880.

Vicente Borges d'Aráujo (Pernambucano.)

CRITICA

Scenas da actualidade

Ao começar estas garatujas, soube de um amigo que ficaram suspensas as reitras.

Dabo! Até d'isso nos privam!

Ainda não termos festas que pressem, vamos ficar sem um divertimento, que não era lá grande coisa, mas que sempre distraia-nos.

Eu, principalmente, sinto devéras essa suspensão, que priva-me de continuar a passar aos carissimos leitores o que lobrigava n'aquellas *innocentes* reuniões.

Mas, já que metti-me a escrever, para o *Artista*, não é isso obice que impeça-me de proseguir na minha tarefa.

Passo a narrar o que vejo pelas ruas desta capital, á luz do gaz-globo, que afugentou os pobres namorados.

Coitados! Os pobres diabos agrupam-se nas esquinas das ruas, olhando para as suas bellas, que suspiram, saudosas das *conversasinhas* á janella.

Os empregados do gaz que abram o olho, do contrario levam uma *sapêca* dos amantes, que andam com vontade de fazer uma revolução identica a da côrte.

Já que fallei na côrte, vou contar aos leitores um facto que desmoralisou de todo o nosso *patriotico* governo.

O endiabrado *Pedrito*, voltando dos seus passeios, ha dias, no seu carro, foi apedrejado com batatas inglezas pelos garotos.

Que miseria!

Ora digam-me, leitores, n'um *typão* d'aquella laia pôde alguém ter confiança?

De certo que não!

O mais interessante é que o governo paga a mór parte dos jornaes para não divulgarem isso.

Mas nós cá estamos, meus caros, para pôr tudo em pratos limpos.

Quem mandon metter-vos em papos de aranha?

Si nos respon-lessem haviam de dizer que foi o *amor* ao paiz; mas nós diriamos que foi aos *cobres*.

Parece-me que os leitores estão murmurando:

—Que massada!

Têm toda a razão.

Vou rabiscar alguma coisa que diga respeito a nossa terrinha.

Esta *abençoada Desterro* nunca altera a sua tranquillidade.

Emquanto a corte *saracotea-se*, ella dorme, sonhando com a estrada de ferro, cuja execução vai-se addiando até o dia de S. *Nunca*.

Foi tamanha a berraria quando aqui chegou a noticia da estrada de ferro que julguei ser uma revolução!

Mas emquanto o Sr. D. Pedro não disser:—*Hei por bem e etc*— a estrada ficará sendo imaginaria.

EPAMINONDAS.

VARIEDADES

LOGOGRIPOS

(POR LETRAS)

Ao insigne logografista Guarany

Encontrando este metal, 5,4,6,5,7,9
Aqui prendi um leão; 8,3,4,1,2
Para ver o sacerdote, 8,4,6,4,1,2,9
Com grande emfiada na mão. 3,9,5,4,9

Aqui tendes um conceito,
Que vos dou sem mais apodos:
Affirmo que dos celicolas,
Estou acima de todos.

Plutão e Achilles.

Ao Snr. Tenente Conceição.

Encostado a esta arvore, 6,7,10
Muita agoa vi correr; 2,1,4,5,6
E bem longe de ser acido 1,2,3,7,6
Eu, um premio pôde ter. 7,8,9,10

—Conceito—

Eu aqui venho mostrar-te,
Proesas dos namorados,
Dou-te vinagre e azeite
Mas...nota que são rosados.

M. J. da Silvr.

Charadas novissimas

Charadas offerecidas ao meu sympathico e intimo amigo J. S. Corcoroca:

1—2 Este numero em Portugal é des-honra.

1—1 Esta madeira no navio é nome.

1—2 Esta preposição latina no animal é cidade da Mysia.

1—1 Esta preposição este pronome é um rei.

1—2 Anda na freguesia de Portugal e nas fructas.

1—1 Este tempero na parte do braço é um peixe.

2—2 Este signo e esta povoação de Napoles é um nome proprio.

1—1 Este vento e este adverbio têm poder.

1—2 Esta variação do pronome e este deos aborrece.

1—2 Esta interjeição no terreiro é ave de rapina.

1—1 Este homem e esta preposição é

2—1 E' doce este pedestal no assento.

1—1—1 Este adverbio da musica da musica da musica é comprida.

1—1 Esta vogal este instrumento é vestidura.

1—1—1 Esta vogal este instrumento da musica e pedra preciosa.

1—2 Esta vogal nos velhos é herva.

Solon?

ANNUNCIO

Vende-se dois Dominós de setim em bom estado, para tratar nesta typographia.